

COLEÇÃO  
**APROVADOS**  
Aprenda com quem  
tem história para contar

MARCELO PESSOA DE AQUINO FRANCA FILHO

# DELEGADO DE POLÍCIA FEDERAL

Guia completo sobre como se preparar para a carreira

- O começo dos estudos
- As razões da escolha pela carreira de Delegado de Polícia Federal
- Relato da trajetória nos concursos
- Aprovação final, nomeação e posse
- Método de estudo utilizado
- Análise completa das principais fases do último Concurso
- A instituição, a carreira, o cargo e seus desafios
- Depoimento de colegas de carreira
- Mensagem final

2021



# VI

## DEPOIMENTOS DE COLEGAS DE CARREIRA

Pedi a alguns colegas que dividiram comigo as salas da Academia Nacional de Polícia para redigirem depoimentos contando suas trajetórias de preparação nos concursos, até a aprovação no sonhado cargo de Delegado de Polícia Federal.

O resultado está nas próximas linhas. Os depoimentos são fantásticos. Não deixem de lê-los, pois todos contêm uma história peculiar de aprovação, que com certeza poderá, cada uma a seu modo, deixar excelentes frutos aos leitores.

## MÁRCIO NASCIMENTO LOPES

Minha experiência com concursos públicos se iniciou aos 17 anos de idade, quando concorri ao emprego de carteiro dos Correios. Passei e fui contratado depois de quase dois anos da realização do certame. Já empregado, iniciei a preparação para o vestibular. Tempos depois, obtive aprovação para o curso de Matemática na Universidade Federal de Rondônia.

Nessa época, morava em uma cidade do interior de Rondônia (Jaru) e viajava aproximadamente 100 quilômetros para frequentar a faculdade. Em 2006, prestei concurso para a Polícia Militar do Estado de Rondônia e também obtive aprovação. Frequentei por seis meses o curso de formação e a nomeação ocorreu logo em seguida – foram dias difíceis, conciliei o curso de formação militar com a frequência em algumas matérias da faculdade.

Nesse período, meu estudo era sem qualquer técnica. Lembro-me da aquisição de apostilas da Vestcon após a publicação do edital. Hoje, percebo que não tinha orientação acerca de estratégias de estudo, não conhecia pessoas que estudavam com técnicas para concursos e os cursos virtuais ainda eram incipientes, sobretudo na região Norte do país.

Em 2009, terminei a faculdade de Matemática e, interessado em sair da PM, comecei a estudar para concursos. Queria a PRF e, mais uma vez, comprei uma apostila da Vestcon e iniciei a leitura, cheguei a prestar esse concurso, mas reprovei. Consequência óbvia, reconheço atualmente.

Por providência divina, conheci uma pessoa que estudava para carreira fiscal e já estava envolvida no mundo dos concursos. Foi quando recebi alguma orientação para a otimização do

estudo. Uma outra colega me indicou um curso on-line (EuVou-Passar) e também o Q. Concursos.

Absorvi as orientações, adquirei os livros de Direito Constitucional e Direito Administrativo de Vicente Paulo e Marcelo Alexandrino, li esses livros e formei um caderno de anotações para revisões. Além disso, diariamente resolvia muitas questões no Q. Concursos, inclusive de disciplinas que ainda não havia estudado. Com a leitura dos comentários, conseguia compreender alguns temas.

Comecei a fazer provas. Em 2011\2012, passei nos concursos de Técnico Judiciário do TRT da 14ª Região e do TRF da 1ª Região e também para Técnico do Seguro Social (INSS).

O INSS foi quem nomeou primeiro (fiquei na primeira colocação para a localidade concorrida). Tomei posse e exerci o cargo por menos de um ano. Isso porque no final de 2012 o TRF 1 me nomeou, tomei posse e precisei me mudar para uma cidade maior. Pedi desistência da vaga no TRT 14, pois estava satisfeito no TRF.

Em 2013, com 27 anos de idade (casado e com dois filhos), comecei o curso de Direito. Após três anos de curso, o Juiz Federal com quem trabalhava me convidou para assessorá-lo, sobretudo em matéria previdenciária. Fui lotado no Gabinete do Juiz Federal e mergulhei por completo no mundo dos concursos, pois todos os demais colegas do Gabinete estudavam para carreiras jurídicas. Nossos diálogos resumiam-se a temas jurídicos e provas de concursos; muitos casos concretos foram temas de produtivos debates.

Logo nos primeiros dias já me indicaram um curso próprio para carreiras jurídicas federais (Ênfase) e me apresentaram o DIZER O DIREITO (o Juiz Federal Marcio André revolucionou e facilitou o estudo da jurisprudência com seus comentários aos julgados do STJ e do STF). Nesse mesmo período, conheci a

página do Justutor e comecei a usá-la para resolução de questões discursivas, mormente nos fins de semana.

Nessa ocasião, trabalhava sete horas por dia (das 12 às 19, geralmente) e ainda fazia faculdade à noite. Assim, saía de casa pela manhã, levava os filhos para a escola e já ficava estudando na biblioteca, ia para o serviço e retornava para a faculdade à noite. Nas aulas que julgava menos interessantes, ficava na sala resolvendo questões no Q.C ou lendo os informativos do Dizer o Direito, quando não ia para a biblioteca concluir o estudo de algum tema iniciado pela manhã.

Eu lia os comentários completos do Dizer o Direito (existe a versão resumida), pois a forma que o Márcio André comenta é uma boa oportunidade de conhecer alguns temas doutrinários e conceitos jurídicos que superam a tese jurídica fixada no julgado objeto da análise.

A partir de 2016, antes mesmo de concluir o curso de Direito, comecei a fazer algumas provas específicas para cargos da área jurídica. Obtive aprovações para Oficial de Justiça do TJRO, do TRF1 e do TRT14. Também consegui aprovação na PGM Manaus, para Advogado da Câmara dos Vereadores de Porto Velho e passei na segunda fase da DPU, mas não fui fazer a prova oral.

Ainda, reprovei na segunda fase para advogado da Assembleia Legislativa de Rondônia. Tive nota geral para ir para a fase oral, mas zerei uma questão de Direito Civil e o edital exigia nota mínima em todas as disciplinas. Até hoje não concordo com a banca, minha resposta foi adequada, merecia ter recebido alguma nota positiva (precisava de apenas 0,01).

Infelizmente isso pode ocorrer, já ouvi vários relatos dessa natureza. Todavia, o candidato não pode se deixar esmorecer com essa situação. Ao contrário, deve recorrer, mas se o recurso não for provido, é levantar a cabeça e partir para a próxima. Aqui deixo uma mensagem: recorram sempre. Na Polícia Federal, por exem-

plo, tive recursos providos na discursiva e oral. Tenho um grande amigo que diz que “o recurso também é uma fase do concurso”.

Nunca tive muito tempo para dedicação exclusiva aos estudos para concursos. Durante toda essa trajetória conciliei o trabalho e a atenção à família com a preparação. Por essa razão, sempre estudei nos fins de semana e algumas férias foram dedicadas exclusivamente ao estudo; aliás, algumas eram marcadas conforme o calendário de provas. Não me arrependo, faria tudo novamente.

Tenho comigo que não existe uma regra geral de estudo para aprovação em concursos. Todavia, reputo muito eficaz o estudo através de resolução de exercícios. Nessa linha, o Q.C e o Justutor foram cruciais na minha preparação. Além disso, considero extremamente necessário o acompanhamento do DIZER O DIREITO, incrível ferramenta gratuita de estudo (não conheço recém aprovados que não tenham estudado o material do Márcio André, a revisão de véspera é sensacional).

Para quem está começando, sugiro um curso próprio para a carreira que se almeja, a formação de um caderno para constantes revisões, a resolução frequente de questões anteriores, tanto objetivas como discursivas, e a realização de provas, mesmo que não sejam do cargo pretendido. Sempre digo: “treino é treino, jogo é jogo”.

Fazer provas é a única forma de sentir a atmosfera do concurso, separar as canetas, lembrar do documento com foto, viajar (quando necessário), controlar o tempo, marcar o gabarito sem errar as anotações, passar por fiscalização eletrônica, desligar e retirar a bateria do celular, mesmo que fique dentro da bolsa, escolher o local para se sentar, ou, quando a banca define, pedir para trocar, em razão do ar condicionado, por exemplo.

Esses são exemplos de sensações que só se experimentam na prova. Por mais que se treine em casa, não é possível reprodu-

zir com precisão essas situações. Não se pode permitir que uma falha “boba” o tire do concurso que se pretende. Quem nunca ouviu falar da questão anotada erradamente no gabarito? Já presenciei um candidato ser retirado da sala por ter esquecido de retirar a bateria do celular, que despertou na mochila que estava distante de si.

Preciso dizer também que, na preparação para o cargo de Delegado da Polícia Federal, o candidato tem que reservar um “tempinho” para treinos físicos. O TAF da Polícia Federal é um dos mais complexos das carreiras policiais, muitos candidatos bem classificados nas fases anteriores reprovam nessa etapa por negligência.

Reconheço que sofri nessa fase, durante os últimos anos de estudo apenas praticava Jiu Jitsu no fim de semana, o que é pouco para um teste físico que requer salto, nado, corrida e barras fixas.

Já no que se refere à prova oral, penso que quem já chegou nesta etapa possui conhecimento e técnica de estudo para enfrentar essa fase. O grande desafio dessa prova oral talvez seja manter a tranquilidade. Recomendo um curso próprio para essa avaliação. Procurem cursos reconhecidos no mercado, vale o investimento. Além disso, o treino com colegas é de extrema importância.

Eu não fiz um curso específico para a prova oral da Polícia Federal, porém realizei muitos treinos com colegas, alguns que já tinham enfrentado essa etapa. Convém ressaltar, todavia, que havia feito um curso para a prova oral da DPU, aquela que não fui fazer. Portanto, detinha alguma orientação sobre essa fase.

Abro um parêntese para mencionar a importância de se relacionar com pessoas que também estão nessa caminhada. Nesse caso, a divisão promove multiplicação. A troca de informações, comentários e debates sobre provas e questões são cruciais para o crescimento. Fiz amigos para a vida nesse percurso, construí sólidas amizades na biblioteca.

Essa é, de forma muito resumida, a minha trajetória de preparação para o cargo de Delegado da Polícia Federal. Espero com esses relatos contribuir para que outras pessoas acreditem na possibilidade de aprovação nesse concurso, mesmo que tenham que trabalhar, cuidar da família e estudar para o certame.

Reafirmo, todo sacrifício é recompensado quando da conclusão do curso de formação e da efetiva posse no cargo. Vale muito a pena. Eu não me arrependo das renúncias, sinto-me muito orgulhoso da história acima retratada e do cargo que hoje ocupo.

**Márcio Nascimento Lopes**

*Delegado de Polícia Federal*



## LEÔNIDAS RIBEIRO JÚNIOR

Hoje, Delegado de Polícia Federal lotado no município de Montes Claros/MG, consigo enxergar o caminho de amadurecimento pessoal e nos estudos que transcorri até minha última aprovação, a do certame para meu sonhado e atual cargo. Minha história de aprovação não é necessariamente um roteiro de um concursado comum, na verdade nunca me considerei como tal, embora tenha sido aprovado em alguns concursos públicos durante minha trajetória. Por isso, venho compartilhá-la, com o intuito de mostrar que pessoas comuns, com diversas tarefas e afazeres, principalmente laborais, também têm plena chance de obter êxito na caminhada até o cargo que almeja.

O fato de estudar numa Faculdade privada de Direito, sem que meus pais pudessem custeá-la, indubitavelmente, me fez ingressar na vida dos concursos precocemente. Logo aos vinte anos de idade, decidi estudar para o concurso do Banco do Brasil, motivado apenas por minha então namorada, hoje esposa. O ano era 2010, me matriculei em um cursinho noturno, sendo pequena minha experiência em concursos, apenas uma recente aprovação no IBGE. Por três meses, me dediquei aos estudos para a prova, em especial durante os finais de semana, pois durante a semana só tinha tempo para frequentar o cursinho e realizar breves leituras do conteúdo, durante os intervalos entre faculdade, musculação e curso preparatório. Esse concurso me mostrou a importância fundamental de ter um material organizado. Como meu tempo era curto, durante as aulas, montei um caderno teórico organizado, anotando todos os exercícios possíveis repassados pelos professores. Fui aprovado no certame e tomei posse em agosto de 2010. Também fui aprovado na Caixa Econômica Federal, no mesmo ano.

Do quinto período em diante, da Faculdade de Direito, exerci, concomitantemente, o cargo de bancário com os estudos. Me formei em meados de 2012, quando fui aprovado no Exame da Ordem dos Advogados, em minha primeira tentativa. Para realizar alguns projetos pessoais, entre eles meu casamento, tirei um período sabático sem nenhum foco em concursos públicos.

No ano de 2014, com a vida mais estabilizada, decidi investir no meu sonho de ser Delegado de Polícia Federal. Iniciei os estudos das disciplinas jurídicas, quando em agosto do corrente ano, foi publicado o edital para o cargo de Agente de Polícia Federal. Não haviam vagas para o cargo de Delegado. Como o lapso temporal entre a publicação do edital e a prova objetiva era de apenas quatro meses, decidi concentrar nas disciplinas totalmente desconhecidas, entre elas, Contabilidade. Esse concurso foi de fundamental importância, pois descobri formas de maximizar meu aproveitamento nos estudos. Ele me ensinou que videoaulas são importantes apenas nas disciplinas desconhecidas, assim como a necessidade de realizar exercícios, exaustivamente. Durante a preparação, realizei a prova de Investigador da PC/MG, sendo aprovado nesse certame, embora estivesse concentrado somente no concurso da Polícia Federal. Para minha surpresa, realizei a prova da PF no mês de dezembro e, em janeiro, meu nome constava na lista dos aprovados.

O ingresso na carreira de Agente, sem sombra de dúvidas, foi meu maior estímulo para minha aprovação no cargo de Delegado de Polícia Federal. Em síntese, além da experiência obtida em todas as fases correlatas dos dois concursos: testes de aptidão física, psicológica e de exames médicos; também tive a certeza de trabalhar naquele que julgo o melhor órgão da administração pública federal. Durante toda minha preparação para o cargo de Delegado, pude perceber que quão maior é seu desejo de ser aprovado, menores são os obstáculos. Ainda que o cargo de Agente me exigisse grande dedicação, como viagens para missões policiais, quanto mais meu tempo

ficava escasso, mais eu aprendia a aproveitá-lo. Muitas foram as vezes que realizei leituras e exercícios durante os deslocamentos das nossas viagens a trabalho. Meu objetivo era enriquecer o máximo possível meu material até a publicação do edital, sobretudo, nas quatro principais disciplinas. Para isso, me dediquei na leitura de sinopses jurídicas e jurisprudências dessas disciplinas, sem nunca deixar de lado a realização diária de exercícios. Como sempre tive resistência a estudar lei seca, decidi que estudaria a partir da publicação do edital, quando a prova objetiva estivesse próxima. Novamente, na véspera da prova, tive a sensação de não estar totalmente preparado para a aprovação. Quando os resultados das provas objetiva e dissertativa foram publicados, meu nome constava entre os aprovados. O que mais me surpreendeu foi a nota obtida no certame: noventa e quatro pontos líquidos na prova objetiva, algo incomum de ocorrer até mesmo em simulados da Banca CESPE. Foi uma emoção indescritível, o filme de toda a jornada de luta e abdições passou pela minha cabeça. Aquele foi o combustível necessário para que eu encarasse as outras fases do extenso certame, entre elas, a Prova Oral, dessa vez com uma maior autoconfiança e certeza de estar no caminho certo. Penso que nenhuma fase deve ser preterida, por isso, dedique-se a cada uma, como se a mais importante fosse.

Enfim, essa foi minha trajetória até minha posse. Percebi durante o processo que a resiliência humana está acima de qualquer obstáculo que, porventura, apareça. Existiram momentos turbulentos, de frustração, mas desistir nunca foi uma opção. Penso que o foco em uma única carreira, como planejei em meus estudos, pode abreviar bastante o caminho até a aprovação. Desejo que tenha sucesso, paciência e sabedoria em sua caminhada!

***Leônidas Ribeiro Júnior***

*Delegado de Polícia Federal*

**OZILDO BORGES DE BRITO**

*“Volte a sonhar, Deus ainda realiza sonhos”*

Sou o Delegado de Polícia Federal Ozildo, aprovado no XXXVI Curso de Formação de Delegado de Polícia Federal em 2019.

Sou do interior da Paraíba, fui para o Rio de Janeiro quando tinha 11 anos de idade e lá na cidade maravilhosa não foi nada fácil. Trabalhava como ajudante de pedreiro para ter minha mesada. Aos 16 anos, fui trabalhar de atendente em uma rede de fast food, depois trabalhei como caixa de supermercado e em seguida descobri que existia emprego na Administração Pública através de um vizinho servidor federal, que exercia o cargo de copeiro do Hospital Geral de Bonsucesso, aí que tudo começou.

Estudando em casa, sem dinheiro para fazer cursinhos, treinando por provas anteriores e livros escolares, comecei fazer provas para Fuzileiro Naval, reprovei três vezes e passei na quarta vez.

Em 2005 ingressei como praça no Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil. Em 2006, ingressei nas fileiras da briosa Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, onde atuei até o ano de 2013, quando tomei posse no cargo de Inspetor Penitenciário da SEAP/RJ. No ano seguinte, em 2014, tomei posse no cargo de Técnico do Ministério Público do Rio de Janeiro, saindo do ilustre órgão em 2018, quando assumi o cargo de Analista Judiciário do TRF da 2ª Região.

De dentro do ônibus, passava em frente à Superintendência da Polícia Federal no Rio de Janeiro, indo para a faculdade, e imaginava aquilo como um sonho distante, mas acreditava que era possível, porque Deus ainda realiza sonhos!

Hoje me sinto realizado como Delegado de Polícia Federal. É gratificante fazer parte da Polícia Federal, instituição com maior credibilidade na sociedade brasileira. Recebemos aplausos por onde passamos. Isso é motivo de orgulho. Durante o cumprimento de buscas em operações policiais, a viatura da PF é um monumento para fotos da população.

Os próprios alvos das operações respeitam e admiram o trabalho da PF. Ao final, chegam a agradecer pelo trabalho de excelência cumprido no interior do local das buscas, pois respeitamos sempre os Direitos Humanos, cumprimos as leis sem coisificar as pessoas.

Sobre a rotina de estudos, posso afirmar que não há receita mágica. Tudo vai depender do seu foco, da sua vontade de vencer, do seu esforço pessoal e da sua fé em Deus.

Testei vários métodos e passo a detalhar a experiência que tive no sentido de auxiliar na realização do seu sonho. Os cursinhos com videoaulas são bons, mas só faça um único curso para ter uma base, porque o vídeo demora muito e você não absorve com qualidade, na minha opinião. Se você está desatualizado ou parado há muito tempo, faça um curso regular semestral de algum curso bom e basta. Fazer resumos? Fiz um pouco, mas demora muito ler e sintetizar escrevendo. É um método muito eficaz para alguns. Se achar que só consegue compreender os temas resumindo, faça! Você irá passar do mesmo modo, a diferença pode ser o tempo, mas você vai conseguir. Fiz fichamentos em fichas pautadas para fazer pequenos resumos de temas recorrentes e difícil de fixar, isso ajuda a revisar de modo rápido e constante.

Os cursos em PDF vendidos no mercado são bons, mas só utilizei a parte de exercícios comentados. É ideal para você fixar as questões que cobram letra de lei, porque você vê o que mais cai e onde há as pegadinhas das bancas.

O método que funcionou foi seguinte: adotei sinopses para algumas matérias e cadernos de cursinhos para outras matérias e resolvi muitas questões comentadas para fixar o conteúdo. Além disso, no planejamento, incluí uma hora por dia só lendo letra de lei, no sentido de ler o Código Penal todo, o CPP todo, a CF toda, as leis penais mais importantes, o CTN, o Código Civil, entre outros. Dominar a letra de Lei é essencial, porque a maior parte das questões da primeira fase são letra de lei.

Acredite, hoje temos no mercado sinopses com uma qualidade suficiente para passar em vários concursos. Há cadernos produzidos por monitores que substituem capítulos enormes de algumas doutrinas e focam naquilo que você precisa saber, otimizam seu tempo com eficiência e qualidade.

Adote livros que focam em concursos para as matérias mais importantes. Exemplo, li Rogério Greco na graduação e Rogério Sanches para o concurso de Delegado.

Na matéria de Direito Administrativo, adotei como livro de cabeceira o manual do Rafael Oliveira, de linguagem fácil e direta, aponta posições da doutrina destacando a majoritária, bem como a posição dos Tribunais Superiores. Para estudar Processo Penal, adotei sinopse, lei seca, questões e Jurisprudência.

Pelo menos em um dia da semana você deve estudar a jurisprudência, sem isso você não vencerá a Cespe, pois a banca utiliza a posição dos tribunais na fase objetiva, discursiva e oral. No dizer o direito lia o julgado resumido e às vezes completo, criando uma frase que sintetizasse o julgado, montei esse compilado para revisão frequente.

Durante a leitura de livros e cadernos, o ideal é ler e grifar os pontos importantes, sempre revisando o conteúdo estudado num intervalo curto de tempo. Assim, você vai fixar o conteúdo e a curva do esquecimento irá diminuir. Dessa forma você estará preparado para a prova objetiva, discursiva e para a prova oral.

A fase objetiva, discursiva e oral é uma preparação única, tudo que você estudar servirá para todas as demais fases e até para sua vida profissional. Outra coisa, quando você estiver no corte ou próximo à nota de corte, você estará pronto para passar. Basta lapidar alguns pontos, corrigir alguns detalhes, é questão de tempo sua posse. Não pense que só irá passar quando se tornar um professor de cada matéria, por isso não desista. Reprovei para Delegado MG em junho e passei para Delegado de Polícia Federal em agosto de 2018.

Treine para o TAF a partir de hoje, isso mesmo, hoje! Sofri muito porque negligenciei essa parte, quase perdi o concurso porque fui treinar depois que saiu o edital, mas meu histórico de atleta me salvou!

Seja produtivo, não se sabote, curta a família, não se isole do mundo, mas se tiver que abdicar de uma festa ou de um carnaval viajando, seja honesto com você, se a matéria está em dia e se o edital já foi publicado, é hora de intensificar os estudos, depois você curte outros carnavais. Tudo é questão de foco, não precisa ser acima da média, os colegas da minha turma são pessoas normais que, como eu, têm filhos e que tinham no máximo quatro horas por dia para estudar.

Na estrada dos concursos você só decide quando irá começar, você não sabe quando vai tomar posse, mas acredite, só não passa quem desiste, porque quando chegar o seu dia, você vai realizar sua prova, sair do local e ter a certeza que passou antes de ver o gabarito. Isso ocorre porque você está preparado e Deus reservou aquela cadeira para você. Quando esse dia chegar, você vai olhar tudo que passou e verá que valeu à pena cada

sacrifício. Nesse momento, reconheça a importância de Deus na sua vida e dos seus familiares que te apoiaram na longa jornada.

Agradeço aos meus pais que, com toda a dificuldade, contribuíram para que eu pudesse frequentar pelo menos uma escola pública desse nosso Brasil e me fizeram um cidadão de caráter. A minha amada esposa Fernanda, pelo amor e apoio incondicional na jornada até a posse, que cuidou de mim e do Guilherme, nas minhas ausências para eu estudar e nas viagens Brasil a fora realizando provas de Delegado.

***Ozildo Borges de Brito***

*Delegado de Polícia Federal*



## LETÍCIA SANTIN GARCIA MARX

Curiosamente, narrar parte de como foram os preparativos para a aprovação no concurso que agora é grande parte da minha vida teve início com outro sonho...

Meus planos “concurseiros” começaram desde a faculdade, com o intento inicial de ser Procuradora da República. Estagiei em escritório de advocacia e depois no MPF, e adorei essa última experiência, de forma que me motivei bastante a estudar para alcançar esse objetivo.

Logo depois de formada mergulhei de cabeça. Tive a fantástica oportunidade de poder estudar quase que exclusivamente, advogando o mínimo que precisava, além de muito, mas muito apoio da família, em especial dos meus pais.

Tudo parecia perfeito: estudaria até abrir novo concurso e antes faria o concurso de Analista do MPU, para adentrar já no ramo. E assim fiz. Passei no concurso de Analista em 2013 e aguardei nomeação (que ocorreu em 2015). Antes disso, fui acometida de uma doença em 2014, que exigiu longo tratamento e idas a médicos. Lembro-me de levar o caderno de estudos ao hospital para ler durante a recuperação da cirurgia.

Pensava apenas em concurso, de modo que tudo era secundário e deveria se encaixar na minha rotina. Cursinhos, aulas, sites jurídicos, livros, cadernos próprios e questões.

Hoje vejo que esse raciocínio tem o mérito de te fazer focar, mas pode te tornar “cego” para as outras coisas que acontecem, pois a vida não para. Por isso creio que um dos desafios do concurseiro, dentre outros milhares, seja o de fazer com sabedoria as escolhas, sempre ponderando estudo versus prazeres

da vida. E até mesmo encarar o estudo como um prazer (fora a pressão inerente, é possível).

Nesse mesmo ano de 2015 abriu o concurso para Procurador da República. Estava com uma excelente bagagem de estudos e fui aprovada para a segunda fase com muito boa nota. Pensei: pronto, meu plano agora está prestes a se concretizar, certo? Errado! Fiz uma segunda fase bastante árdua, doída mentalmente, exauriente, e reprovei no G1 por dois décimos. Eram quatro grupos, tive a nota mínima em três deles e em apenas um faltaram dois décimos.

Acredito que nossa capacidade de superação, resistência e real vontade sejam medidas nos momentos em que você se sente destruído. Era assim que me sentia e, naquele instante, poderia ter levantado a cabeça, seguido em frente, mas não o fiz. Estava cega para as outras oportunidades, de modo que, não obstante estivesse muito preparada para outros concursos, não tive o empenho necessário para virar a página. Fiz outras provas, mas os resultavam não foram satisfatórios, alguns próximos, outros nem tanto, da nota de corte.

Segui trabalhando, já como Analista, e estudando com base em materiais que tinha, mas sem o empenho de antes. Algo havia morrido em mim. Até pode parecer extremamente pueril essa atitude, mas era o que sentia e era com isso que tinha de lidar. Não se trata apenas de reprovar, mas sim lidar com nossos “monstros” – e todos temos alguns, seja imaturidade, seja dificuldade de perder, dentre outros.

O apoio que tive nessa batalha de minha família e, como dito, especialmente de meus pais, foi fundamental. Apesar da luta interna que travava, esse caminho foi menos pesaroso porque podia contar com o amor e a compreensão deles, que sempre me incentivaram e acreditaram em mim, principalmente quando viam que eu tendia a não acreditar mais.

Outro ponto essencial e que segue comigo é a fé. Graças a isso, nunca me senti só ou desamparada. Acreditar em algo superior – ou qualquer nome que se dê ao que eu chamo Deus – traz equilíbrio, paz, além de tirar a superficialidade das coisas e permitir enxergar mais amplamente uma meta.

O divisor de águas se deu em 2016, quando conheci o anjo que em 2018 se tornou meu marido. O Ivan, que curiosamente é Procurador da República, operou um verdadeiro milagre, o de fazer renascer a vontade perdida dentro de mim. De forma sutil, carinhosa, sem pressão, demonstrava com exemplos como pode ser prazeroso se dedicar a um objetivo, que pode ser encarado com alegria, não necessariamente com depressão.

Houve momentos em que pensei em desistir de estudar. A rotina de estudos é pesada e envolve muitas restrições, mesmo que diferentes para cada realidade. Porém, algo dentro de mim não queria parar. Atualmente, entendo que é perfeitamente possível e legítimo escolher conscientemente tomar outro rumo, afinal, há riqueza na vida e nas opções. Assim, trata-se de escolha, não de desistência, e eu escolhi seguir.

Retomei os estudos de cabeça erguida e ampliei os horizontes para minhas vocações – e digo isso porque aprendi a ver que seria feliz e me sentiria adequada em mais de um ramo das diversas carreiras jurídicas existentes. O Ivan havia sido Delegado da PF e narrava a carreira muito positivamente. Eu, que sempre admirei a instituição na condição de cidadã, passei a almejar e me ver nessa nova posição, principalmente atraída pelo brilhantismo na atuação e pelas diversas áreas de atribuição, que tornam o tédio bastante distante da rotina.

De novo com as mãos à obra e com um objetivo específico em mente, dediquei-me especialmente à leitura de lei, jurisprudência, livros resumidos e questões de concurso (FUNDAMENTAL esse treino prático). Voltei a assistir a aulas, mas com o tempo mais reduzido para estudo, preferia ler o que já

tinha compilado e fazer questões, as quais particularmente me agradavam, porque era mais fácil me concentrar no estudo mais ativo de fazer provas passadas do que ler outros materiais, apesar de também importantes.

Estudava pelo menos de manhã e à noite, quando estava em casa. Por vezes conseguia tirar uma hora à tarde, entre um trabalho concluído e outro por chegar. Final de semana confesso que sempre – sempre mesmo – foi o maior desafio para mim: estudava poucas horas, de modo que tinha que compensar o tempo faltante durante a semana, o que definitivamente não é o ideal. Tanto quanto possível priorizei estudar em casa, pelo conforto da roupa e facilidade de comodidades, mas tinha amigos que preferiam estudar em salas de estudo e bibliotecas, o que funcionava muito bem para eles.

Outra medida que me auxiliou em muitos momentos a me “disciplinar” foi cronometrar o tempo líquido de estudos. Toda hora que eu dispersava, parava o cronômetro, de modo que ao final do dia podia avaliar efetivamente o quanto havia rendido.

Aberto o edital da PF, foquei na revisão do máximo de conteúdo possível, no intuito de ampliar a gama de informações que, apesar de “voláteis”, são bastante úteis poucas semanas antes das provas. Com o auxílio da minha irmã mais nova, que também estava estudando, consegui avançar ainda mais nas questões de concursos, debatendo com ela os assuntos e organizando cada tema que constava do edital, em especial as leis de cunho criminal.

A primeira fase foi uma boa surpresa, pois poucos temas foram inesperados. O treino com questões voltadas às leis foi extremamente útil. Deparei-me com o feliz resultado de ter sido aprovada na primeira e segunda fases, que ocorreram no mesmo dia, seguindo então para o teste de aptidão física e a prova oral. Esses são capítulos à parte, pois mais específicos. A dica é preparar-se com antecedência de meses nos treinos físicos (o que não fiz, de forma que sofri para alcançar o condicionamento

necessário nas modalidades exigidas). Quanto à prova oral, é interessante exercitar em voz alta, alinhar o tempo de resposta, os trejeitos e, até mesmo, filmar-se para enxergar “de fora” a postura, o tom de voz, a fluidez da fala, etc.

Passada essa batalha, veio a Academia Nacional de Polícia, que, apesar de árdua, revelou-se uma experiência inesquecível, pela qual sinto muita gratidão.

Creio que o concurso de Delegado de Polícia Federal é um dos mais completos: exige equilíbrio em várias frentes, pois além do conhecimento jurídico, nos viéses escrito e oral, são também avaliados o psicológico e o físico, além de, como derradeira etapa, as diversas provas da ANP.

Hoje me vejo trazendo aquela famosa frase à tona: “graças a Deus nem tudo o que queremos acontece”. O que antes parecia não planejado revelou-se como o mais acertado. Sinto-me honrada por ter chegado aqui, mesmo que por vias transversas. Finda uma etapa, outra se inicia.

Em síntese, humildemente deixo uma mensagem final a título de dica aos futuros colegas: priorize a qualidade dos estudos, mantenha o ambiente e a mente organizados e, não apenas, mas principalmente, leia a lei e faça provas anteriores. Por fim, permita-se escolher o caminho a trilhar, qualquer que seja este.

Cada um tem realidade e dificuldades próprias e, certamente, haverá momentos de desalento, tristeza, desespero. Contudo, dentro de sua fé e suas convicções, é importante ter em vista que essa fase de preparação tem a riqueza de demonstrar toda a garra e o poder de superação que se carrega dentro de si.

Força, fé e foco!

***Letícia Santin Garcia Marx***

*Delegada de Polícia Federal*

## MÁRCIO TEIXEIRA

*“Os dois dias mais importantes da sua vida são o dia em que você nasceu e o dia em que descobre o porquê.” (Mark Twain)*

E assim iniciou a guerra. Já tinha grande admiração, desde a infância, pelas carreiras militares. Na adolescência, inclusive, arrisquei a disputa pela EsPCEEx. Em meados de 2007, graduado em Educação Física, a vontade de me tornar Agente Polícia Federal movimentou o espírito combativo. Até então, minha preparação em nível competitivo estava longe. “Abri” uma velha apostila para concursos e “acelerei” por alguns meses. Eis que aparece o concurso da PRF com vagas destinadas ao Pará. Adaptação. Dada a largada ao estudo da legislação de trânsito para complementar, viajei até Brasília para o dia da prova. Concurso suspenso. “Vazaram” a prova, venderam o gabarito. Em 2018, retomada do certame. Veio a grande notícia. Aprovação. Incrível. Realmente, tinha conseguido. Acordei pela manhã e meu nome estava lá entre os 80 primeiros colocados.

Tive excelentes momentos nessa nobre instituição. Valerosos colegas. Milhares de apreensões de drogas. Carros roubados recuperados. Policiamento ostensivo de excelência. Recomendando. Mas, a chama do guerreiro ainda não estava satisfeita. O desafio/sonho “Polícia Federal” ainda estava em aberto. Agora, a missão havia tomado outros contornos: Delegado de Polícia Federal. Removido para Cascavel/PR, integrando o Grupo de Policiamento Tático, em meio ao trabalho operacional da “Faixa de Gaza” (rsrs, em razão da proximidade com o Paraguai), dei início ao curso de Direito. O último edital para delegado era distante, quase um “tiro no escuro”: estudar para um cargo